

PRÁTICAS SOCIAIS E PROCESSOS EDUCATIVOS SOBRE MICROBIOLOGIA COM MANICURES DE UM MUNICÍPIO DO SUL DA BAHIA: algumas reflexões

SOCIAL PRACTICES AND EDUCATIONAL PROCESSES ON MICROBIOLOGY WITH MANICURES OF A SOUTH BAHIA :: some reflections

Dayane Ferreira Santos¹; Krisnayne Santos Ribeiro²; Christiana Andréa Vianna Prudêncio³.

1 Mestranda, Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, Bahia, Brasil – daday014@hotmail.com,/ORCID <https://orcid.org/0000-0002-8232-1638>

2 Mestranda, Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, Bahia, Brasil – krisnayne@hotmail.com,/ORCID <https://orcid.org/0000-0002-1164-1378>

3 Doutora, Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, Bahia, Brasil – cavprudencio@uesc.br,/ORCID <http://orcid.org/0000-0002-4571-2090>

Palavras-chave:

Saberes sociais;
Embelezamento das
unhas; Microrganismos.

RESUMO: A maioria das pesquisas em práticas sociais tem como foco trabalhos historicamente desvalorizados e/ou alvos de preconceitos, como é o caso do ofício de manicures e pedicures. Esta desvalorização também se perpetua na literatura científica, pois estudos sobre estas profissionais na perspectiva das práticas sociais e processos educativos são incipientes, o que aponta a desqualificação desses saberes na academia. Partindo deste princípio, o presente artigo tem como objetivo compreender como manicures e pedicures que atuam em salões de beleza de um município do Sul da Bahia aprendem e ensinam sobre os aspectos da Microbiologia e os riscos que são inerentes ao exercício de sua profissão. A obtenção dos dados ocorreu por meio de entrevistas semiestruturadas com dez manicures e pedicures de seis salões de Beleza localizados em uma das principais avenidas da cidade. Os dados foram analisados com base na Análise Textual Discursiva e organizados em duas categorias: a) *fontes de conhecimentos das manicures em relação à sua profissão* e; b) *processos não sistematizados de ensino e aprendizagem*. Destacamos que as profissionais aprenderam os conhecimentos microbiológicos por meio da prática, do aprender fazendo e manifestaram conhecer e ensinar para suas clientes sobre fontes de contaminação, causas e profilaxia de doenças, mesmo que de forma não sistematizada. Nesta perspectiva, consideramos importante a articulação e valorização dos saberes oriundos da comunidade nas instituições escolares como forma de romper com preconceitos e desigualdades.

Keywords: Social knowledge; Nail beautification; Microorganisms.

ABSTRACT: Most research on social practices focuses on historically undervalued work and / or targets of prejudice, such as the craft of manicurists and pedicures. This devaluation is also perpetuated in the scientific literature, since studies on these professionals from the perspective of social practices and educational processes are incipient, which points to the disqualification of this knowledge in academia. Based on this principle, this article aims to understand how manicures and pedicures that work in beauty salons of a municipality of Southern Bahia learn and teach about the aspects of microbiology and the risks that are inherent in the exercise of their profession. Data were obtained through semi-structured interviews with ten manicures and pedicures from six beauty salons located on one of the main avenues of the city. Data were analyzed based on Discursive Textual Analysis and organized into two categories: a) *sources of knowledge of the manicure in relation to their profession and;* b) *non-systematized processes of teaching and learning.* We highlight that the professionals learned the microbiological knowledge through practice, learning by doing and expressed to know and teach their clients about sources of contamination, causes and prophylaxis of diseases, even if in a non-systematic way. In this perspective, we consider important the articulation and valorization of knowledge from the community in school institutions as a way to break with prejudice and inequality.

INTRODUÇÃO

Os processos educativos inerentes e decorrentes das práticas sociais têm sido destaque nas pesquisas que se propõem a estudar as comunidades e grupos marginalizados e desqualificados socialmente por meio de metodologias dialógicas (RIBEIRO JÚNIOR et al., 2013). Estes estudos envolvem diversos grupos: dançarinos de rua, profissionais do sexo, membros de associação de bairro, mulheres camponesas, Organizações Não Governamentais (ONGs), músicos, capoeiristas, moradores de rua, trabalhadores rurais de assentamentos, malabaristas, crianças e jovens em bairro de classes populares, entre outros (GONÇALVES JUNIOR; LEMOS, 2018; LEAL; GARCIA-MONTRONE, 2017, FERNANDES, 2016 ALMEIDA, 2014, TEIXEIRA, 2012, JOLY; JOLY, 2011, SILVA, 2010, RIBEIRO JUNIOR, 2009, SOUSA, 2007, FERREIRA, 2006; GONÇALVES JR; SANTOS, 2006, OLIVEIRA, 2003).

Entende-se por prática social todo tipo de relação social que envolve a construção de saberes, valores e significados (FERNANDES, 2016, GARCIA-MONTRONE, 2014, OLIVEIRA et al., 2014, SILVA, 2010). Isto significa que as pessoas se educam umas com as outras por meio da convivência, contribuindo deste modo para a formação das suas identidades e vivências na sociedade, porém, não raro estes conhecimentos são desvalorizados.

Ribeiro Júnior et al. (2013) defendem que o processo de se educar a partir do convívio com grupos populares desqualificados e oprimidos permite a possibilidade de vislumbrarmos

uma educação para além da escola, construindo outras visões de mundo. Isso porque no contexto das práticas sociais, o que se defende é que as pessoas participam de processos de ensino e aprendizagem durante toda sua trajetória de vida, nos mais diferentes contextos, e é exatamente neste percurso que elas vão construindo jeitos de ser e de (con) viver umas com as outras, nos ambientes que vivem e atuam (SILVA, 2014).

No cenário profissional não é diferente, pois muitos trabalhos se pautam em práticas sociais, inclusive aqueles que historicamente são entendidos como de pouco status ou ainda alvo de preconceitos, como é o caso da profissão de manicures e pedicures (SILVA; SILVEIRA, 2016).

Diversos estudos têm sido realizados envolvendo profissionais da beleza, porém, poucos deles estão voltados para o exercício de manicures e pedicures (GALLON et al., 2016; OLIVEIRA, 2014). Das poucas pesquisas encontradas no contexto de práticas Sociais e Processos Educativos destacam-se a investigação realizada por Gallon et al. (2016), que buscou analisar as diferentes formas de aprendizagens que ocorrem no exercício de manicures e pedicures, e a tese de Oliveira (2014) que visou apresentar a análise da interação social como um meio de explicar a atividade de trabalho de manicure e a forma social que assume no Brasil.

De acordo com estes autores, apesar desta profissão não ser tão prestigiada pela sociedade, devido à baixa remuneração se comparada aos demais profissionais da área de beleza, ela não perde sua relevância, já que a demanda pelas mesmas¹ vem aumentando muito nos últimos anos, devido à busca pelo embelezamento das unhas, o que contribui potencialmente para alavancar o mercado da estética no Brasil.

Além disso, esta é uma profissão que possui relação direta com a Microbiologia, por envolver diversos tipos de microrganismos de grande importância médica tais como: os vírus, causadores das Hepatites e HIV, fungos causadores de micoses, dentre outros, evidenciando a importância de investigar melhor a prática dessas profissionais.

Sendo assim, o presente artigo tem como objetivo compreender como manicures e pedicures que atuam em salões de beleza de um município do Sul da Bahia aprendem e ensinam sobre os aspectos relacionados à Microbiologia, sobretudo acerca dos riscos que são inerentes ao exercício desta profissão.

¹ Tendo em vista que esta é uma profissão majoritariamente feminina e não encontramos nenhum manicuro/pedicuro durante a realização desta pesquisa, adotaremos estas/elas ao nos referirmos a tais profissionais.

PRÁTICAS SOCIAIS E PROCESSOS EDUCATIVOS

Os estudos na perspectiva de processos educativos como inerentes e decorrentes de práticas sociais vem sendo realizados desde o ano de 1990, pelo grupo de pesquisa “Práticas Sociais e Processos Educativos” do PPGE/UFSCar², que tem investigado, com base na perspectiva humanística e libertadora de Paulo Freire, os diferentes processos pelos quais as pessoas, sobretudo os grupos marginalizados, vêm se educando no contexto brasileiro e latino-americano (GONÇALVES, 2013; OLIVEIRA et al., 2014).

Por meio da iniciativa de pesquisadores deste grupo, bem como de outros pesquisadores como Chassot, Paulo César Pinheiro e Marcelo Giordan, é que a relação entre os conhecimentos populares e o ensino de ciências começou a ser evidenciada nas pesquisas científicas, quando estes passaram a questionar a superioridade epistemológica do saber científico e considerar a importância das relações entre cultura e educação científica nos currículos de ciências (GONDIM; MOL, 2008).

Mediante estes questionamentos, os conhecimentos populares foram reconhecidos pelos Parâmetros Curriculares Nacionais, como componentes importantes no currículo de ciências, a partir do seguinte pressuposto:

Os conhecimentos que se transmitem e se recriam na escola ganham sentido quando são produtos de uma construção dinâmica que se opera na interação constante entre o saber escolar e os demais saberes, entre o que o aluno aprende na escola e o que ele traz para a escola, num processo contínuo e permanente de aquisição, no qual interferem fatores políticos, sociais, culturais e psicológicos (BRASIL, 1998 p. 34).

Isso significa que há outras formas de educação além daquela fornecida pela escola, oriundas dos mais diversos contextos frequentados pelos indivíduos. Neste sentido é importante que a escola considere também esses saberes construídos mediante o convívio social dos indivíduos.

Isto não quer dizer que os conhecimentos científicos devam ser substituídos por estes saberes, mas que ambos caminhem juntos na formação para cidadania. Ou seja, “a ideia não é trivializar o ensino de Ciências nem os saberes populares, mas aproximar o conhecimento científico e sua metodologia dos saberes difundidos por variadas formas de educação” (SOARES; SILVA; TRIVELATO, 2016, p.159). Sendo assim:

É preciso dar espaço para os saberes e a cultura dos indivíduos, articulando saberes populares e científicos no ensino de ciências. Não se trata de reduzir o status do conhecimento científico, mas elevar o de outras formas de conhecimento, fazendo relações entre saberes, apresentando, explorando e discutindo diferentes visões de mundo. (NASCIBEM; VIVEIRO, 2015, p. 288).

² Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos.

Desta forma, destacamos que a integração e participação na prática social de manicures e pedicures visa à desconstrução do paradigma da educação baseada unicamente no conhecimento sistematizado que despreza e desqualifica outros saberes necessários para a compreensão do mundo.

De acordo com Matos (1999), a aprendizagem pode ocorrer em qualquer instância, desde que haja alguma condição educativa favorável que possibilite a apreensão de saberes, contribuindo significativamente para a construção de cultura, história e identidades, que são compartilhadas diariamente entre as gerações e entre os indivíduos, por meio das práticas sociais.

Diversos autores têm defendido a prática social como a construção de conhecimentos e transmissão de valores e saberes, decorrentes das interações que ocorrem entre as pessoas nos mais diferentes contextos e ambientes, sejam eles naturais, sociais ou culturais (FERNANDES, 2016, GARCIA-MONTRONE, 2014, OLIVEIRA et al., 2014, SILVA, 2010). Essas interações acontecem naturalmente em nosso cotidiano e são elas que contribuem para a construção da nossa visão de mundo e nossa formação como seres humanos.

Isto significa que direta ou indiretamente estamos constantemente ensinando e aprendendo por meio do convívio com outras pessoas, e mais do que isso:

Ler um livro, por exemplo, é uma prática social mesmo que feito a sós, no sentido de que estamos a interagir com ideias de outros, codificadas (socialmente) através da escrita nesse meio de comunicação, mediador numa relação entre o autor e o leitor. (MATOS, 1999, p. 69).

Sendo assim, educar-se uns com os outros pode ser considerada uma característica inerente ao ser humano, já que somos educados por meio da mediação com o mundo, ou seja, mediante os vínculos que criamos com as pessoas ao nosso redor (FREIRE, 1997).

Os processos educativos atuam como um conjunto de saberes expressos, ocultos, interiorizados e/ou simbolizados, que são construídos nas e a partir das experiências vivenciadas nas práticas sociais, transmitidos de um indivíduo para o outro principalmente por meio da linguagem oral e dos gestos (LEAL; GARCIA-MONTRONE, 2017, 2018).

Estes processos não se originam e se desenvolvem apenas no ambiente escolar, uma vez que todas as pessoas possuem conhecimento sobre algo independente de terem frequentado ou não a escola (FREIRE, 1992, OLIVEIRA et al., 2014, SILVA, 2004).

Ressaltamos novamente que o intuito aqui não é desprezar os conhecimentos escolares e enaltecer os não escolares, mas valorizar esses saberes e usá-los como ponto de apoio e referência para novas aprendizagens, inclusive aquelas proporcionadas pela escola.

Como discute Paulo Freire (1987, p. 68), “não há saber mais ou saber menos, há saberes diferentes”.

Esses pressupostos nos levam a defender a ideia de uma aprendizagem ao longo da vida que, segundo Alves (2010), pode ser compreendida como um processo contínuo na vida dos indivíduos, nos diferentes espaços da sua existência, seja na escola ou nas práticas sociais.

EDUCAÇÃO AO LONGO DA VIDA

A educação e a aprendizagem ao longo da vida, como um processo permanente e integral, são conhecidas desde a Grécia antiga, no entanto, ainda não há um consenso quanto à sua definição e terminologia (ALHEIT; DAUSIEN, 2006; GADOTTI, 2016; IRELAND, 2019).

De acordo com Gadotti (2016), inicialmente a Educação Permanente (ou Educação ao Longo da Vida) não passava de um vocábulo associado à Educação de Adultos, no que concerne à formação profissional. Depois, transitou por um período considerado utópico, incorporando diversas ações educativas, em todos os seus aspectos, objetivando efetivar uma transformação completa e drástica do sistema educacional.

Sobre essa ambiguidade na definição do que de fato é Educação ao longo da vida, Torres (2006, p. 3) destaca que não há o que se inovar em tal conceito, visto que “todos aprendemos ao longo da vida, independente de quem somos, onde vivemos, e se vamos ou não à escola”.

Em outras palavras significa dizer que somos educados em diferentes âmbitos de nossas vidas, e tais conhecimentos precisam ser reconhecidos como constituintes da nossa formação. Não se trata de fundamentos validados por diplomas, mas de experiências advindas de inúmeras situações, nas quais adquirimos aptidões, exteriorizamos nossas emoções e sentimentos.

Assim, a formação cidadã permeia todas as esferas da vida humana, e por esse motivo não pode ser reduzida apenas aos sistemas educacionais de ensino (IRELAND, 2019), uma vez que a aprendizagem é uma prática contínua que se estende ao longo da vida, não estando restrita a períodos pontuais.

Tal processo não necessita de um currículo nem de pré-requisitos, como o que ocorre na escola, pois nele somos estimulados a aprender e a ensinar espontaneamente para superar desafios e interagir com o mundo ao nosso redor (VALENTE 2001).

Sendo assim:

Uma das potencialidades do princípio da “educação ao longo da vida” é que ele quebra uma visão estanque da educação, dividida por modalidades, ciclos, níveis, etc. Ele articula a educação como um todo, independentemente da idade, independentemente de ser formal ou não formal. Se a educação e a aprendizagem se

estendem por toda a vida, desde o nascimento até a morte, significa que a educação e a aprendizagem não se dão somente na escola e nem no ensino formal. Elas se confundem com a própria vida, que vai muito além dos espaços formais de aprendizagem. (GADOTTI, 2016, p. 55).

Diante disso, é possível afirmar que no contexto das manicures e pedicures, é possível também aprender e ensinar conteúdos de Microbiologia nas mais distintas situações a partir do que se aprende na prática da profissão, na troca com as colegas e juntamente com as (os) clientes. São esses saberes que constituirão parte da cultura, dos valores e da história da profissão.

A MICROBIOLOGIA E SUA RELAÇÃO COM O TRABALHO DE MANICURES

O ofício das manicures e pedicures

Manicures e pedicures são profissionais responsáveis pela saúde e embelezamento das unhas das mãos e dos pés, por meio técnicas e do uso de ferramentas e produtos específicos, como alicates, cortadores, lixas, esmaltes, bases etc. Estes procedimentos na maioria das vezes são realizados respeitando medidas, normas de higiene e estética que, normalmente, não são aprendidas em cursos profissionalizantes, pois “estas profissionais não são obrigadas a apresentar diploma que certifique sua formação e qualificação na área” (GARBACCIO, 2013, p.20). Sendo assim, grande parte dos seus conhecimentos é proveniente do aprender fazendo, e do contato/convívio com outras pessoas e colegas de profissão.

Dentre as principais atividades de manicures, destacam-se: corte das unhas, polimento, retirada da cutícula, esmaltagem, aplicação de cremes e esfoliantes, aplicação de unhas postiças e a esterilização dos instrumentos de trabalho. Sendo este último item imprescindível para amenizar os riscos de contaminação por microrganismos.

Microrganismos associados ao trabalho de manicures e pedicures

Manicures e pedicures estão em constante exposição a riscos biológicos, tais como os vírus de hepatite B, C, o vírus da Imunodeficiência Humana (HIV) e fungos, provenientes da remoção da cutícula, que constitui o principal fator de risco para o contágio e transmissão de microrganismos, que pode ocorrer tanto pelo contato direto com o sangue contaminado quanto por lesões ocasionadas pela sua retirada (BARBOSA; SASSO; AMADEI, 2015; GARBACCIO, 2013; GARBACCIO; OLIVEIRA, 2013).

Essa situação torna-se mais agravante porque, em geral estes profissionais atuam não somente em salões, mas também exercem atendimentos em domicílios, instituições para idosos e hospitais, por isso suas atividades na maioria das vezes não são inspecionadas por agentes da vigilância sanitária (GARBACCIO, 2013).

Atrelada a isso, existe a questão do desconhecimento por parte destas profissionais em relação aos riscos inerentes à sua profissão e às medidas necessárias para amenizá-los (CORTELLI, 2012; SILVA; SILVEIRA, 2016). Isso porque, muitas vezes, manicures e pedicures atuam com base no aprender fazendo, no que é repassado por suas colegas de trabalho e nem sempre se dão conta que estão lidando diariamente com uma sucessão de microrganismos que podem afetar a sua saúde e a de suas clientes.

Como dito anteriormente, não há obrigatoriedade de qualificação para o exercício destes e outros profissionais relacionados ao setor do embelezamento, uma vez que sua atuação é assegurada pela Lei nº 13.352, de 27 de outubro de 2016 que também regulamenta a profissão de cabeleireiro e esteticista. Tal prerrogativa pode acarretar algumas consequências, pois “[...] sem a exigência da capacitação, a lei ignora os potenciais riscos à saúde das clientes e a si própria que a manicure não qualificada poderia causar” (OLIVEIRA, 2014, p. 22).

Todavia, mesmo não exigindo qualificação, a lei recomenda que os profissionais destas áreas adotem as normas sanitárias, por meio da esterilização dos materiais e utensílios utilizados no atendimento a seus clientes (MOREIRA; SILVA; CARVALHO, 2013). Contudo, reforçamos aqui, que nossa finalidade com esta pesquisa não é julgar os procedimentos das manicures, se estão certos ou errados, ou ensinar da nossa maneira, mas averiguar como elas lidam com esses riscos, e o mais interessante, como aprendem e repassam essas informações.

Diante do exposto, salienta-se que tanto estes, como outros riscos no setor de Beleza, sobretudo no trabalho de manicures e pedicures podem ser amenizados a partir de uma conscientização das profissionais, por meio de métodos preventivos, como a higiene das mãos, uso correto dos equipamentos de proteção individuais (EPI), somados à adesão das vacinas contra hepatite B, C, além de treinamento e informação sobre os riscos ocupacionais e a correta lavagem seguida de esterilização dos instrumentais compartilhados (RAMOS, 2009; STARLING; PULIER, 2015).

É importante destacar que a maioria destas profissionais possui conhecimentos, mesmo que fragmentados sobre estes riscos e tais precauções muitas vezes são evidenciadas, ainda que intrinsecamente na sua rotina de trabalho.

Práticas de higiene

Dentre as principais práticas de higiene, necessárias no exercício de manicures e pedicures, Kuhn e Rene (2017) pontuam a lavagem das mãos, esterilização (calor seco, calor úmido e pelo uso do Óxido de Etileno). Neste contexto, discorreremos sobre os conceitos de limpeza, desinfecção e esterilização, pois, é a partir disso que serão definidos os procedimentos higiênicos que estas profissionais devem adotar a depender do material.

Desta forma, define-se limpeza como o processo de remoção da sujeira, sendo feita com água, sabão e/ou detergente, no intuito de reduzir a população microbiana (KUHN; RENE, 2017). A desinfecção por sua vez, é a destruição de microrganismos mediante a aplicação de agentes antimicrobianos, como o álcool, por exemplo, e a esterilização consiste no processo de destruição de todas as formas de microrganismos, incluindo os esporulados, fazendo uso de estufas ou autoclaves (SEBRAE, 2010).

EM BUSCA DAS MANICURES

A pesquisa foi realizada durante o mês de novembro de 2018 com dez manicures de seis salões de beleza localizados em uma das principais avenidas da cidade de Itabuna/BA. A área foi escolhida por ser bastante frequentada pela maioria dos moradores e a seleção dos salões se deu em função da receptividade à pesquisa.

A obtenção de dados ocorreu por meio de entrevista semiestruturada³, composta de 11 perguntas, conforme apresentado no quadro 1. Em sua elaboração procuramos investigar o conhecimento das manicures sobre Microbiologia, como ele é aprendido e repassado em exercício.

Quadro I: Perguntas da entrevista semiestruturada

1. Qual a sua idade e escolaridade?
2. Há quanto tempo está neste ramo?
3. Qual é aproximadamente sua carga de trabalho diária, em horas, como manicure/pedicure?
4. Como se deu a sua formação profissional? Possui algum curso específico na área?
5. Você se preocupa com a higiene, saúde e o bem-estar da sua clientela? De que forma?
6. Como se dá o processo de assepsia dos seus utensílios e equipamentos de trabalho?
7. Você sabe a diferença entre limpeza, desinfecção e esterilização?
8. Na rotina dos profissionais do ramo de estética e beleza como manicures/ pedicures há riscos de se adquirir doenças, você sabe que doenças são essas e por quais microrganismos são causadas? Você já tomou vacina contra alguma destas patologias?
9. Como você joga fora material perfurocortantes descartáveis?
10. Você faz uso de EPIs durante as suas atividades?
11. Quais os pontos positivos e negativos que você enxerga no exercício desta profissão?

Fonte: dados da pesquisa (2018)

As entrevistas foram registradas com auxílio de um gravador, transcritas e analisadas com base na metodologia de Análise Textual Discursiva (MORAES; GALIAZZI, 2007). A

³ Este trabalho foi aprovado pelo Comitê de Ética e atende a todas as exigências de pesquisas com seres humanos. Número de aprovação (CAAE): 98168818.6.0000.5526.

escolha da presente metodologia se deu em função da sua potencialidade para a (re) estruturação dos textos e ampliação dos seus significados.

Assim, de acordo com a ATD, após a leitura das entrevistas, realizamos a desconstrução dos textos e a estruturação de unidades de significados. Essas unidades consistiram em trechos da entrevista do nosso interesse destacados no *corpus*, que mostrassem como o conhecimento sobre Microbiologia é aprendido e repassado no exercício das manicures e pedicures, e como elas lidam com os riscos que são inerentes a esta profissão. Em seguida estas unidades foram agrupadas conforme suas semelhanças, possibilitando a criação de *categorias* de análise, de caráter a priori.

Analizamos duas categorias: 1) fontes de conhecimentos das manicures sobre Microbiologia e; 2) processos não sistematizados de ensino e aprendizagem sobre Microbiologia. Esta se subdivide em duas subcategorias: a) conhecimentos das manicures e pedicures sobre as doenças inerentes à sua profissão e situação vacinal e b) noções sobre as práticas de higiene.

A escolha por estas categorias justifica-se por evidenciarem as discussões sobre como as manicures aprenderam a fazer unhas, quais conhecimentos possuem sobre as principais doenças a que estão suscetíveis e as práticas de higiene (limpeza, desinfecção e esterilização) necessárias para amenizar o seu contágio.

Uma vez determinadas as categorias, produzimos o *metatexto*, que incorpora as novas interpretações dos fenômenos investigados, analisadas à luz do referencial teórico adotado. Como forma de garantir o anonimato das entrevistadas seus nomes foram trocados por pseudônimos, que consistiu em nomes de esmaltes: Ruby, Tâmara, Cintilante, Nudy, Malícia, Angélica, Pérola, Cigana, Gabriela e Cristal.

ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE O TRABALHO DE MANICURES

Esta categoria discorre sobre as fontes de conhecimentos das manicures, ou seja, como elas aprenderam a fazer unhas e a se precaverem contra os riscos inerentes à sua profissão.

Fontes de conhecimentos das manicures em relação à sua profissão

O que se percebe é que, de maneira geral, as manicures participantes da pesquisa aprenderam as técnicas e cuidados relacionados à sua profissão por meio do “aprender fazendo”, do convívio familiar e não com cursos profissionalizantes:

Não possuo nenhum curso na área e aprendi a fazer unha sozinha, olhando as minhas primas fazendo. (Angélica).

Não fiz nem um curso, e aprendi por meio da genética, minha família toda trabalha com isso e aprendi sozinha, fazendo a minha mesmo. (Pérola).

Eu fazia antes a minha e a de minha mãe e de minhas irmãs [...]. Eu aprendi a fazer unha por meio de tutorial, eu assistia muito tutorial e eu sempre tive facilidade nessa área. (Ruby).

As falas mostram as técnicas, bem como os cuidados necessários no exercício desta profissão são basicamente apreendidos por meio da observação, ou seja, “por ensaio e erro, repetição e imitação” (CAVACO, 2016, p. 956). Quando elas afirmam que aprenderam *em casa, por meio da genética* ou ainda *por meio de tutorial*, confirmam a tese de que os processos educativos não ocorrem apenas na escola (IRELAND, 2019, FERNANDES, 2016; GADOTTI, 2016; OLIVEIRA et al., 2014; RIBEIRO JÚNIOR et al., 2013; ALVES, 2010; SILVA, 2010 ALHEIT; DAUSIEN, 2006).

Ou seja, as pessoas possuem conhecimentos úteis independentemente de ter adentrado ou não às portas das instituições de ensino e, quando isso acontece, cabe a estas valorizar e reconhecer esses saberes. Tais processos podem ocorrer no convívio familiar, por meio do diálogo com os amigos, assistindo à televisão, lendo livro ou revistas, navegando na internet, entre outras fontes e se estabelece por toda a vida (ALHEIT; DAUSIEN, 2006; RIBEIRO JÚNIOR et al., 2013). Em outras palavras, significa dizer que nos educamos em todas as instâncias que participamos, sejam elas formais ou não, uma vez que:

A educação [...] não está restrita ao espaço escolar, pois, se dá em todos os ambientes sociais em que nos relacionamos com o outro e com o mundo. Ou seja, não há um momento em que os processos educativos se separam da própria vida vivida. Aprende-se vivendo. (RIBEIRO JÚNIOR et al., 2013, p.168).

Dessa forma, vivenciamos os processos educativos desde nossos primeiros passos, de nossas primeiras palavras e estes se perpetuam por toda a vida, se constituindo em conhecimentos que extrapolam aqueles difundidos pela escola, pois, não se limitam a conteúdos disciplinares, mas englobam valores, tradições, histórias e visões de mundo. Isto significa que a educação não se restringe apenas aos anos escolares, mas perpassa toda a vida do indivíduo, auxiliando-o a lidar com as adversidades diárias (IRELAND, 2019).

As experiências que as pessoas obtêm no decorrer da vida não devem ser desprezadas pela escola e sim valorizadas, não como uma substituição do conhecimento científico, mas para dialogar com este na formação crítica do indivíduo, de modo que juntos, os dois tipos de saberes contribuam para uma sociedade mais igualitária, na qual a voz e os anseios dos grupos tidos como “desqualificados” sejam ouvidos.

A esse respeito é importante ressaltar que:

A exclusão social não se define somente em termos econômicos. Quando os sujeitos não são ouvidos, quando não lhes é dada a oportunidade de expressar seus desejos e anseios, quando lhes são negados direitos fundamentais, estão igualmente, excluídos e impedidos de se reconhecerem como sujeitos. [...] No entanto, quando essas mesmas pessoas, que possuem formas de vida tradicionais e saberes essenciais no âmbito social, religioso e histórico vivenciam práticas dialógicas, pautadas em seu

cotidiano e baseadas no respeito mútuo, na valorização e no compartilhamento de saberes, na busca contínua por formas mais dignas e humanas de viver, seguramente esses caminhos conduzem também à inclusão social, que se expressa, principalmente, na garantia de que seus direitos humanos, básicos e universais se concretizem. (VASCONCELOS et al., 2010, p.63).

Reconhecer e valorizar estes saberes significa contribuir para a inclusão e protagonismo destes sujeitos na sociedade. Pontuamos ainda que o fato de as manicures relatarem que aprenderam sozinhas corrobora com os resultados do trabalho de Cordeiro e Campo (2015) realizado com donas de salões de beleza, no qual as entrevistadas descreveram o cuidado das unhas como um processo que se pode aprender de forma independente, por meio da observação e prática autônoma continuada, sem necessidade de um mentor.

Entretanto, isso não significa necessariamente que elas não tiveram a contribuição direta ou indireta de alguém, pois, segundo Freire (1987), Alheit e Dausien (2006) e Gadotti (2016), as pessoas não se educam sozinhas, mas por meio da mediação com outras pessoas, isto é, dentro de um âmbito social.

Outras manicures afirmam terem aprendido a fazer unhas por meio do convívio na própria prática social, ou seja, dentro do próprio salão de Beleza:

Não fiz curso nenhum na área e aprendi simplesmente pela curiosidade, aprendi olhando, porque uma tia minha tinha um salão, aí como eu ficava ajudando ela, eu fiquei na curiosidade olhando, aí fui aprendendo (Gabriela).

Eu cresci dentro de um salão e tudo, aí eu comecei a fazer primeiro a minha unha, depois as das colegas, com uns 10 anos eu já começava a fazer minha unha, futucar minha unha, aí eu começava a fazer a da colega, foi aí que eu fui aprendendo (Cristal).

Tal discurso evidencia que estas manicures foram influenciadas pelo ambiente de trabalho em que frequentavam, mesmo ainda não atuando no ramo. Isso significa que as pessoas também podem aprender um ofício por meio do convívio no espaço da própria prática social (BARBOSA; OLIVEIRA, 2009). Tal aprendizado não se limita a técnicas, mas também a modos de pensar, valores, princípios e costumes presentes naquele determinado ambiente:

Dentro das práticas sociais, onde pessoas de diferentes gêneros, crenças, culturas, raças/etnias, necessidades especiais, escolaridades, classes sociais, faixas etárias e orientações sexuais participam – por vontade própria ou não –, é que são expostos com espontaneidade ou restrições, modos de ser, pensar, agir, perceber experiências produzidas na vida, no estudo de problemas e dificuldades, com o propósito de entendê-los e resolvê-los. (OLIVEIRA et al., 2014, p. 6).

Logo, a interação entre as manicures no salão de beleza além de possibilitar a troca de saberes no que se refere à técnica do fazer unhas, possibilita ainda a apropriação de valores e tradições ali existentes (OLIVEIRA; GONÇALVES JUNIOR; LEMOS, 2018)

As falas das manicures de modo geral, demonstram a importância da aprendizagem por meio das práticas sociais, pois, é a partir de tais experiências e das reflexões feitas sobre as mesmas que os indivíduos podem direcionar suas ações ao mundo visando transformá-lo (LEAL; MONTRONE, 2016). Além disso, o fato de elas aprenderem por meio das práticas viabiliza a difusão destes saberes entre as gerações, permitindo a permanência e protagonismo de seu ofício.

Como dito anteriormente, a maioria das manicures participantes da pesquisa não tinha certificado para atuar na área por não ser um requisito obrigatório, no entanto, três das entrevistadas possuíam certificado de cursos profissionalizantes:

Eu fiz um curso de manicure numa escola profissionalizante para trabalhar na área, mas já fazia em casa, só nunca tinha trabalhado com isso (Nudy).

[...] aprendi a fazer unha praticando no curso e inicialmente em casa, fazendo as unhas dos parentes (Cintilante).

[...] eu trabalhava, tinha meu emprego, aí eu me vi desempregada com essa crise e foi um meio que eu vi de começar a trabalhar nesse ramo, aí eu fiz o curso. Tenho certificado de unha e gel, aí foi que eu abri o salão para garantir meu sustento e pagar minhas contas (Ruby).

Constata-se nas falas destas manicures, que os conhecimentos relacionados à sua profissão, em alguma medida, tiveram influência dos cursos profissionalizantes, mesmo que ao entrar nos cursos, estas já soubessem técnicas do fazer unhas.

Além disso, quando Ruby expressa *que tinha um emprego* e de repente se viu *desempregada e foi um meio de começar a trabalhar nesse ramo*, indica que a sua atuação no campo das manicures a princípio era temporária, como uma fuga da crise.

De acordo com Gallon et al. (2016) esta busca alternativa muitas vezes representa oportunidade de entrada no mercado de trabalho, principalmente para jovens sem experiências. Os autores explicam ainda que, com o progresso neste setor, na maioria das vezes, torna-se definitivo, ou ainda, contribui para a qualificação em outras áreas da estética, abrindo um leque de possibilidades para o mercado de trabalho:

Fiz curso de cabelereira e básico de manicure para me especializar (Cintilante).

[...] eu estou fazendo o curso de podologia (Cigana).

[...] depois eu acabei fazendo um curso específico, para poder me aperfeiçoar, foi mais pra ter mesmo um diploma e saber se eu tava fazendo tudo certinho mesmo (Cristal).

É perceptível em tais falas que o fazer unha possibilitou o vislumbre de novas profissões ou de atividades complementares no ramo da estética e vice-versa. Este aspecto também foi apontado por Cordeiro e Campos (2015) no estudo com donas de salão de beleza da Rocinha-RJ, no qual uma das entrevistadas começou a atuar no salão como manicure,

depois fez um curso de depilação, e por último, tornou-se cabelereira. Algo similar foi visto na pesquisa de Soares (2012) junto a barbeiros e barbeiras da região central de Porto Alegre, em que umas das entrevistadas era manicure e tornou-se barbeira, após atuar e conviver com barbeiros.

Ao declararem que um curso de especialização *foi mais para ter mesmo um diploma e saber se estava fazendo tudo certinho*, também corrobora com a fala de uma das entrevistadas no trabalho de Gallon et al. (2016), que relatou que para ingressar nesta profissão, não basta apenas o bom desempenho no trabalho, é fundamental ter uma comprovação da qualificação realizada, de modo a propiciar maiores possibilidades para se conseguir um emprego.

Resultado similar foi encontrado no estudo de Silva (2010) envolvendo as práticas sociais e os processos educativos na liderança de uma mulher negra em Campo Grande/MS, que aos 70 anos resolveu cursar o doutorado, por acreditar que “sem o título de doutor ninguém lhe dá atenção” (SILVA, 2010, p. 4), estimulando desta forma a superação das desigualdades raciais pela via dos processos educativos, sobretudo os escolares. Esta atitude demonstra que apesar das pessoas aprenderem por meio das práticas sociais, isso não significa que elas não busquem outras fontes, que ampliem seus conhecimentos.

No entanto, essa necessidade de formação “obrigatória” é criticada por Alheit e Dausien (2006) que pontuam que tal exigência é fruto de uma “sociedade do saber”, que oprime os indivíduos “menos qualificados”, exigindo que estes sigam os padrões impostos de qualificação e saber sistematizados para adentrar no mercado de trabalho. Neste viés, os sujeitos acabam se tornando reféns deste sistema mercantilista, competitivo e opressor, no qual a educação passa a ser um serviço, em vez de um direito (GADOTTI, 2016).

Para Brandão (2007) a educação profissional ao longo da vida não deve ser reduzida apenas a preparação para uma profissão, mas também possibilitar o desenvolvimento integral do ser humano, o que inclui elevar, regular e aperfeiçoar suas potencialidades físicas, morais, intelectuais e espirituais.

O exercício das manicures e pedicures se configuram como um elo entre os saberes adquiridos ao longo de suas vidas profissionais, familiares e sociais, saberes esses que se interligam e se complementam (CAVACO, 2016). Esses saberes constituem a sua história, suas particularidades e sua forma de enxergar o mundo e, assim, não se trata de atuar como uma manicure, mas sim de ser uma manicure, como uma espécie de identidade. Nesse sentido, “não se trata apenas de uma fonte de renda, mas de uma arte na qual se busca a perfeição” (OLIVEIRA, 2014, p.114).

PROCESSOS NÃO SISTEMATIZADOS DE ENSINO E APRENDIZAGEM

A presente categoria refere-se aos processos não sistematizados de ensino e aprendizagem sobre aspectos relacionados à Microbiologia no exercício de manicures e pedicures, isto é, como elas lidam e ensinam sobre os riscos inerentes à sua profissão.

Conhecimentos das manicures sobre as doenças inerentes à sua profissão

De maneira geral, as manicures entrevistadas demonstraram conhecer as principais doenças relacionadas à sua profissão, principalmente as Hepatites e a AIDS, mas tiveram dificuldades em identificar corretamente os microrganismos causadores:

A AIDS, Hepatite C, que é transmitida pelo contato com sangue, a gente corre o risco de contrair essas doenças. Quanto aos microrganismos causadores eu não sei (Tâmara).

Hepatite [...] e os microrganismos causadores são bactérias (Cigana).

[...] até por conta de contaminação, que mesmo um esmalte a gente usando, ele passa contaminação e requer um tempo, se não me falhe a memória, eu não sei se é de 20 dias a 1 mês para matar uma bactéria, no caso da Hepatite [...] o HIV no caso não é transmitido na esmaltação, mas sim na contaminação por contato com o sangue, no HIV é mais isso, agora Hepatite tem essa diferença (Ruby).

Compreende-se que as manicures denotam conhecer as principais doenças referentes à sua profissão e os riscos a que estão expostas. Estes resultados divergiram com os da pesquisa realizada por Moraes et al. (2012), na qual a maioria das manicures e pedicures nunca tinha ouvido falar sobre a Hepatite B e desconhecia suas formas de transmissão.

Ao contrário desse estudo, nossa pesquisa mostrou que as manicures reconhecem corretamente que tanto a AIDS, quanto a Hepatite C são *transmitidas pelo contato com sangue*, ou ainda que o *HIV não é transmitido na esmaltação, mas sim na contaminação por contato com o sangue*. Nesse sentido, nossos resultados se aproximam dos estudos de Barbosa, Sasso e Amadei (2015), no qual as formas de transmissão das doenças foram indicadas de forma correta pela maioria das manicures.

Entretanto, houve uma grande dificuldade pelas participantes da pesquisa para identificar os microrganismos causadores dessas doenças e isso é notório na fala da Ruby, quando afirma que é necessário *de 20 dias a 1 mês para matar uma bactéria, no caso da Hepatite*. Percebe-se que a mesma associa bactérias à Hepatite e não a um vírus, seu real causador. No entanto, ainda que Ruby possua um conhecimento fragmentado sobre o assunto, ela demonstra conhecimento sobre a resistência do transmissor da doença, embora este não sobreviva o período que ela mencionou, mas sim até sete dias (MELO; ISOLANI, 2011; GARBACCIO, 2013).

Compreender que *mesmo um esmalte a gente usando, ele passa contaminação*, referindo-se à Hepatite, indica uma constantemente atualização quanto aos riscos inerentes à sua profissão, pois, existem pesquisas e informações recentes sendo veiculadas sobre isso, que os esmaltes a depender da composição (sem amônia, hipoclorito de sódio e álcool a 70%), podem ser um veículo de transmissão da doença (KOHLS et al., 2015).

Ainda no contexto das causas das patologias associadas ao ofício de manicures, as entrevistas mencionaram:

Hepatite, micoses e a outra eu esqueci [...]. E os microrganismos causadores são [...] fungos (Cigana).

Olha as doenças, tem a Hepatite B, acho que é a B, tem também o vírus da AIDS, que ele contamina também e tem micoses e os fungos (Gabriela).

No caso, as que são mais frequentes, que eu conheço, ouço falar, vejo no dia a dia e conheço pessoas que adquiriram através da manicure é Hepatite e o HIV e no caso não digo doenças, as micoses, essas coisas que são normais no dia a dia, que às vezes a pessoa usa seu alicate em uma pessoa que tem micose, pode também pegar a micose, mas a micose é uma coisa mais simples que dá para ser tratada (Ruby).

Percebe-se que mesmo sendo tão comum no seu ambiente de trabalho, somente três manicures mencionaram as micoses, talvez pelo fato de não as considerarem doenças, mas sim coisas *normais no dia a dia* ou algo *mais simples que dá para ser tratado*. Salienta-se que mesmo sendo normalmente de fácil tratamento, é preciso tomar os cuidados necessários, pois, sua transmissão pode acontecer de um indivíduo para o outro por meio de objetos contaminados (GARCIA; MOSER; BETTEGA, 2007).

Além disso, afirmar que existem *pessoas que adquiriram através da manicure a Hepatite, o HIV e as micoses*, mostra que há um reconhecimento de que a profissão é arriscada sendo necessário prudência nos procedimentos. Segundo Garbaccio (2013) estes riscos são intensificados quando as profissionais desconhecem ou negligenciam as medidas de biossegurança, como uso correto dos EPI, descarte apropriado dos materiais entre outras.

Como mencionado anteriormente, grande parte das manicures teve dificuldades em relação à causa das doenças mencionadas acima e algumas confundiram este fator com as vias de contágio.

Quanto a transmissão a Hepatite, imagino que pode ser transmitido na hora da cutilação, se vier a tirar o tradicional “bife”, como as pessoas falam e no manuseio de esmaltes, de lixas, essas coisas, entendeu? (Ruby).

[...] são as que mais são causadas pelo perfuramento, pelo contato com o material se não for esterilizado (Cintilante).

[...] são causados principalmente por alicates, que não é esterilizado, que não é higienizado, acaba passando de uma cliente para outra (Cigana).

Mesmo que as entrevistadas tenham cometido um equívoco quanto aos termos, é inegável que elas possuem um conhecimento consolidado sobre como estas doenças são contraídas, o que sustenta ainda mais o que defendemos neste trabalho, que apesar das manicures possuírem uma compreensão fragmentada sobre determinados conceitos envolvidos em suas práticas, sabem sobre as doenças inerentes à sua profissão e as formas de proteger a si e a sua clientela, sem que necessariamente tenham feito cursos profissionalizantes.

De acordo com Moraes et al. (2012), essa compreensão é importante, pois estas profissionais pertencem a um grupo específico da população que está exposto constantemente ao vírus da hepatite, a fungos e outros microrganismos, por meio do contato com sangue durante os procedimentos estéticos, principalmente a cutilação ou por meio da higienização dos seus instrumentos de trabalho.

Quanto à vacinação, todas as manicures afirmaram ser vacinadas contra as Hepatites e outras patologias associadas à profissão, divergindo das pesquisas de Gallon et al. (2016) e Moraes et al. (2012) nas quais as manicures participantes não souberam responder se haviam tomado ou não todas as vacinas, principalmente contra a Hepatite B.

Noções sobre as práticas de higiene

O que se percebe é que, de maneira geral, as manicures participantes da pesquisa têm dificuldades em diferenciar limpeza, desinfecção e esterilização, principalmente no que diz respeito a conceituar a desinfecção. Mas, será que estes conceitos não estão intrinsecamente presentes em suas práticas?

Quando questionadas sobre a diferença entre tais conceitos:

No meu entender a limpeza é uma coisa superficial, que a gente vai ali só para tirar o grosso, o bruto. A esterilização até onde eu estudei, mais ou menos, é onde vai matar as bactérias, aonde vai esterilizar, você pode ter a certeza de que não tem nenhum vestígio de contaminação. Agora, o outro [desinfecção] eu não sei (Ruby).

Limpar para mim, é uma coisa com álcool, tirar os excessos de pele, essas coisas, desinfetar eu não sei e esterilizar é colocar na estufa e deixar lá [...]. Esse é um processo importante por causa de doenças e infecções, bactérias (Nudy).

As falas revelam que as manicures possuem certa dificuldade em diferenciar conceitualmente as diferentes práticas higiênicas, principalmente no que concerne a desinfecção e esterilização, corroborando com os resultados obtidos por Kuhn e Rene (2017) e Garbaccio (2013), em cujas pesquisas as manicures também tiveram alguma dificuldade em diferenciar os processos. No entanto, isso não significa que elas não os utilizem corretamente em suas atividades.

Percebe-se que praticamente todas tiveram facilidade em definir limpeza como *uma coisa superficial, só para tirar o grosso, apenas água e sabão, coisa rápida*. Este resultado foi divergente do obtido por Garbaccio (2013), em que as entrevistadas definiram tal conceito incorretamente. Enfatizamos que tais definições estão corretas, pois, de acordo com SEBRAE (2010), Castro (2015) e Starling e Pulier (2015), tal prática consiste na remoção de sujeira com água e sabão ou detergente, visando reduzir a quantidade de microrganismos e minimizar os riscos biológicos durante o manuseio de materiais perfurocortantes.

Quanto à desinfecção algumas não souberam responder, outras definiram equivocadamente, ou até mesmo confundiram com a esterilização mostrando um resultado similar obtido no trabalho de Garbaccio (2013). Entretanto, salientamos mais uma vez que, o fato de a maioria delas não saber definir o conceito não significa que não utilize tal prática em suas atividades:

[...] as lixas e os palitos são descartados, no caso das espátulas e alicates, eu lavo com água e sabão, borrifo álcool a 70% e boto na estufa (Ruby).

[...] eu tento colocar um pouquinho no álcool a 70%, porque é o mais forte para poder matar os micros (Cristal).

O que se constata aqui é que as manicures não possuem um conhecimento sistematizado sobre o conceito de desinfecção, mas que ela está presente em suas práticas, o que sustenta ainda mais a tese de que há processos educativos nesta prática social. Ou seja, “de todas as práticas sociais decorrem processos educativos, sejam práticas no interior de comunidades, sejam em grupos considerados desqualificados, sejam em espaços institucionalizados ou não, escolares ou não” (OLIVEIRA, 2014, p.25).

No que concerne ao conceito de esterilização, as falas das manicures participantes da pesquisa demonstram que este é muito bem compreendido, corroborando os resultados encontrados por Cortelli (2012), Garbaccio (2013), Babosa, Sasso e Amadei (2015). Há uma ênfase em dizer que esterilizar é ter a *certeza de que não tem nenhum vestígio de contaminação, matar as bactérias, um processo importante por causa de doenças e infecções, bactérias*.

A esterilização é realmente compreendida como o processo de eliminação de todas as formas de microrganismos, até os mais resistentes, isto é, os esporos (CASTRO, 2015; PEREIRA et al., 2012; SEBRAE, 2010; IMAGEM E BELEZA, 2010). Estes resultados foram divergentes dos obtidos por Oliveira (2009) em pesquisa com manicures que atuavam em salões de bairros e em *shopping centers* de São Paulo, em que nenhuma delas sabia conceituar o processo de esterilização, mesmo tendo feito cursos profissionalizantes na área.

Foi possível constatar nas falas de algumas manicures que o conhecimento sobre esterilização pode ter sido oriundo dos cursos que as mesmas fizeram, sejam eles específicos ou não. Ruby, por exemplo, declara que até *onde ela estudou* é o procedimento de esterilização irá *matar todos os microrganismos*.

Isso revela a importância da correlação entre os conhecimentos escolares e os não escolares aprendidos por meio das práticas. Tal pressuposto é reforçado por Ireland (2019), quando afirma que em um mundo complexo como o que vivemos, as coisas só fazem sentido quando articulamos e integramos os conhecimentos e informações aprendidos nos mais distintos espaços sejam eles formais ou informais.

Isto retifica o que pontuamos inicialmente, que o nosso intuito com este trabalho não é desvalorizar os conhecimentos escolares e enobrecer os saberes da vida, mas possibilitar o diálogo entre estes na construção de uma escola e de uma sociedade igualitária, de modo que os conhecimentos construídos em diferentes espaços possam ser compartilhados, valorizados e protagonizados pelos sujeitos participantes.

Isto é:

[...] os sujeitos que participam de tais práticas interconectam o aprendido em uma prática como o que é aprendido estão aprendendo em outra prática, ou seja, o aprendido em casa, na rua, na quadra comunitária do bairro, nos bares, no posto de saúde, em todos os espaços por onde cada um transita, serve como ponto de apoio e referência para novas aprendizagens, inclusive aquelas que a escola visa proporcionar. (OLIVEIRA et al., 2014, p.38).

Sendo assim, faz-se necessário reconhecer e valorizar os conhecimentos e saberes oriundos das mais distintas práticas sociais. Ou seja, “saber alternar estas duas modalidades de aprendizagem [...] de forma complementar e não de forma antagônica, pois, ambas são necessárias para que o sujeito possa ser efetivo aprendiz” (VALENTE, 2001, p.7). Além disso, os processos educativos desenvolvidos no âmbito de uma prática social podem ser considerados um dos principais contribuintes para a formação crítica e cidadã do indivíduo.

Deste modo, inferimos que as manicures e pedicures manifestam um conhecimento ainda que fragmentado sobre as causas e vias de contágio das doenças inerentes ao seu ambiente de trabalho, além de conhecerem e se preocuparem com as práticas de higiene, como limpeza, desinfecção e esterilização de equipamentos e utensílios utilizados em seu ofício.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

O desenvolvimento do presente estudo possibilitou a identificação das diferentes fontes de conhecimentos das profissionais entrevistadas em relação à técnica do fazer unhas e acerca dos riscos a que estão expostas diariamente, permitindo ainda um vislumbre dos processos não sistematizados de ensino e aprendizagem.

As manicures participantes aprenderam a técnica do fazer unhas e suas especificidades, principalmente, por meio da prática, do convívio familiar e/ou com colegas de profissão. Elas também manifestaram um conhecimento consolidado sobre as vias de contágio e uma compreensão fragmentada em relação aos microrganismos causadores das patologias associadas à sua profissão, demonstrando ainda conhecimento e preocupação com as práticas de higiene, como limpeza, desinfecção e esterilização de equipamentos e utensílios utilizados em seu ofício.

Ao problematizar o contexto histórico-cultural de onde emergem os conhecimentos de grupos marginalizados, como manicures e pedicures estamos contribuindo para o reconhecimento e a valorização destes saberes, que muitas vezes não são reconhecidos pela academia, pois, são vistos como dispensáveis e desqualificados, contudo, eles existem, são válidos, importantes e precisam ser considerados. Estes saberes precisam ser incorporados nos currículos de ciências, tendo em vista que estas profissionais frequentam os espaços escolares, mas na maioria das vezes são tidas como destituídas de saber, isto é, sem nada a ensinar (OLIVEIRA et al.,2014; XAVIER, FLÔR, 2015).

Diversos autores têm sinalizado a importância da articulação e valorização dos saberes oriundos da comunidade nas instituições escolares, como uma das possibilidades em romper com os preconceitos, desigualdades e os mecanismos que contribuem para tais, envolvendo grupos tidos como “sem história”, de modo que seus saberes, valores e cultura sejam articulados aos conhecimentos científicos no ensino de ciências, possibilitando deste modo a formação para a cidadania (NASCIBEM; VIVEIRO, 2016, XAVIER, FLÔR, 2015).

Dada à importância da temática, torna-se necessário o aprofundamento em pesquisas junto a grupos tidos como “desqualificados”, como é o caso das manicures e pedicures, por meio da “convivência metodológica” (SILVA, 1997) para uma compreensão mais ampliada dos processos educativos que são ali desencadeados e valorização dos seus conhecimentos nas práticas educativas, sobretudo no contexto do ensino de ciências.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB) pelo apoio financeiro e incentivo à pesquisa.

REFERÊNCIAS

ALHEIT, P.; DAUSIEN, A. B. Processo de formação e aprendizagens ao longo da vida*. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.32, n.1, p. 177-197, jan./abr. 2006.

ALMEIDA, S. F. De. **A prática social-viver no mundo da rua-e seus processos educativos**. (Dissertação de Mestrado). Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, SP, 2014.

ALVES, M. G. Aprendizagem ao longo da vida: entre a novidade e a reprodução de velhas desigualdades. **Revista Portuguesa de Educação**, v.23, n.1. p. 7-28, 2010.

BRANDÃO, C. R. **O que é Educação**. (49ª reimpr.). São Paulo: Brasiliense, 2007.

BARBOSA, A. M. G.; OLIVEIRA, M. W. Contribuições de Freire e Maffesoli para compreender os processos educativos no cotidiano das práticas sociais. **Revista Eletrônica de Educação**. São Carlos, SP: UFSCar, v.3, no. 2, p. 68-83, nov, 2009.

BARBOSA, L. D, SASSO R. N; AMADEI, J. L. Manicures/pedicures: conhecimento e práticas biossegurança para hepatites virais. **Revista Brasileira em Promoção da Saúde**, v.28 n.3: p.361-369, 2015.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília: MEC/SEF, 1996.

BRASIL. Ministério da educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: ciências naturais**. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Ministério da saúde. **AIDS: etiologia, clínica, diagnóstica e tratamento**, 2002.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. **Programa Nacional de DST e Aids. Manual de Bolso das Doenças Sexualmente Transmissíveis** / Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde, Programa Nacional de DST e Aids. Brasília: Ministério da Saúde, 2005.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Vigilância Epidemiológica. **Hepatites virais: o Brasil está atento**. 3. ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2008.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. **Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais. Protocolo Clínico e Diretrizes Terapêuticas para Atenção Integral às Pessoas com Infecções Sexualmente Transmissíveis** / Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde, Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais. – Brasília: Ministério da Saúde, 2015.

CASTRO, R. X. **Manicure e pedicure**, 1ªed. Montes Claros Instituto Federal do Norte de Minas Gerais, 2015.

CAVACO, C. Formação Experiencial de Adultos Não Escolarizados: saberes e contextos de aprendizagem. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 41, n. 3, p. 951-967, jul./set,2016.

CORDEIRO, C.; CAMPOS, R. De Prossumidoras a Produtoras: a trajetória das donas de salão de beleza da rocinha. **Revista Economia & Gestão**, v. 15, p. 28-56, 2015.

CORTELLI, A. F. D. **Procedimentos de biossegurança adotados por profissionais prestadores de serviços de manicure, pedicure, tatuagem, piercing e maquiagem definitiva no município de Jacareí-SP**. (Dissertação de Mestrado)-Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo, 2012.

ECHER, I. C; GUARAGNA, B.; CRUZ, A. L. P.; COSTA, M.; GRACIOTO, A.; MATTÉ, V. M.; GOMES, C.; PICETTI, N.; GONÇALVES, R.; KUMMER, K. **HIV/AIDS: Orientações para pacientes e familiares**. In: 27ª Semana Científica do Hospital de Clínicas de Porto Alegre e 14º Congresso de Pesquisa e Desenvolvimento em Saúde de Mercosul, 2007, Porto Alegre: Fundação Médica do Rio Grande do Sul, v. 27. p. 1-292,2007.

FERNANDES, F. L. P. Processos educativos e a prática social do brincar em uma organização não governamental. **Diálogo**, v.31: p.73-87, 2016.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17 ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

FREIRE, P. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FERREIRA, F. do C. **Trabalhadoras do sexo e profissionais da saúde: percepções sobre os processos educativos relacionados à saúde presentes no trabalho sexual**. (Dissertação de Mestrado) Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2006.

GADOTTI, M. **Educação popular e educação ao longo da vida**. Documento para a CONFITEA – BRASIL + 6, São Paulo, 2016.

GALLON, S.; BITENCOURT, B. M.; VIANA, D. D.; ANTONELLO, C. S. Formas de Aprendizagem e Saberes no Trabalho de Manicures. **Revista Pensamento Contemporâneo em Administração**, v. 10, n. 1, p. 96-112, 2016.

GARBACCIO, J. L. **Conhecimento e adesão às medidas de biossegurança entre manicures e pedicures**. Tese (Doutorado em Enfermagem) – Escola de Enfermagem, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

GARCIA, D; MOSER, D. K.; BETTEGA, J. M. P.R. **Biossegurança nos salões de beleza de Balneário Camboriú** – Santa Catarina. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Cosmetologia e Estética) – Universidade do Vale do Itajaí, Balneário Camboriú, 2007.

GARCIA-MONTRONE, A. V., JOLY, I. Z; GONÇALVES JÚNIOR, L., OLIVEIRA, M. W.; SILVA, P. B. G.: **Práticas sociais, o que são?** São Carlos: PPGE/UFSCar (material produzido pelos docentes da disciplina Práticas Sociais e Processos Educativos do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos),2004.

GONDIM, M. S. Da C.; MÓL, G. de S. Saberes Populares e Ensino de Ciências: Possibilidades para um Trabalho Interdisciplinar. **Química Nova na Escola**. n.30, p. 3-9,2008.

GONÇALVES, M. K. **Mulheres idosas ressignificam o envelhecimento: contribuições da educomunicação**. 162 f.(Dissertação de Mestrado) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2013.

GONÇALVES JUNIOR, L; SANTOS, M, O. Brincando no jardim: processos educativos de uma prática social de lazer. In: VI EDUCERE – CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO - PUCPR - PRAXIS, Curitiba. **Anais**. Curitiba: PUCPR. (CD-ROM), 2006.

IMAGEM E BELEZA. **Programa de qualificação profissional: / manicure e pedicure**. - - São Paulo: Fundação Padre Anchieta, v.1, il. (série: Arco Ocupacional), 2010.

IRELAND, T. D. Educação ao longo da vida: aprendendo a viver melhor. **JOURNAL OF EDUCATION**, v. 7, n. 02, p. 48-64, 2019.

JOLY, M. C. L.; JOLY, I. Z. L. Práticas musicais coletivas: um olhar para a convivência em uma orquestra comunitária. **Revista da ABEM**, Londrina, v.19, n.26, 79-91, jul-dez,2011.

KOHL, M. B.; BAUMGARTEN, C. B.; CLOCK, D.; MIQUELLUZZI, R. R.; REECK, A. L. As hepatites e os salões de beleza. **Revista de Enfermagem UFPE online**, v. 9, p. 1118-1126, 2015.

KUHN C. T.; RENE, M. **Percepção das manicures e pedicures frente às hepatites B e C e seus métodos de prevenção em salões de beleza na região metropolitana de Curitiba**, 2017.

- LEAL, P. H; MONTRONE, A. V. G. Do olhar nos faróis ao convívio com malabaristas: a prática social do pedir nos semáforos. **Educação e Cultura Contemporânea**, v. 15, n. 38,2017.
- MATOS, J. L. Aprendizagem e prática social. Educação Matemática em Portugal, Espanha e Itália. **Actas da Escola de Verão**-. Lisboa: SEM-SPCE, p.65-92, 1999.
- MELO F. C. A. & ISOLANI, A. P. Hepatite B e C: do risco de contaminação por materiais de manicure/pedicure à prevenção. **Rev Saúde e Biol.**v.6 n.2: p72-8,2011.
- MORAES, J. T.; BARBOSA, F. I.; COSTA, T. R. S.; FERREIRA, A. F. Hepatite B: conhecimento dos riscos e adoção de medidas de biossegurança por manicures/pedicures de Itaúna-Mg. **R. Enferm. Centro Oeste**. Min .set/dez; v.2, n.3 p.347-357, 2012.
- MORAES, R.; GALIAZZI, M. Do C. **Análise Textual Discursiva**. Ijuí: UNIJUÍ, 2007.
- MOREIRA, A. C. A., SILVA, F. L. D; SILVA, J. K. F.; CARVALHO, J. L. M. D. Grau de informações dos profissionais de salões de beleza sobre AIDS e hepatite. **Rev. Ciênc. Méd. Biol.**, Salvador, v.12, n.3, p.359-366, set./dez, 2013.
- NASCIBEM, F. G.; VIVEIRO, A. A. Para além do conhecimento científico: a importância dos saberes populares para o ensino de ciências. **Interacções**, v.11, n.39,2016.
- OLIVEIRA, G. A. De; GONÇALVES JUNIOR, L.; LEMOS F. R. M. Processos educativos desvelados na roda de capoeira da Associação Pena de Ouro. **Motricidades: Rev. SPQMH**, v. 2, n. 3, p. 177-189, set.-dez, 2018.
- OLIVEIRA, J. A. **Fazendo a vida fazendo unhas: uma análise sociológica do trabalho de manicure**. (Tese de doutorado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. USP, São Paulo, 2014.
- OLIVEIRA, M.W. DE. (2003) **Processos educativos em trabalhos desenvolvidos entre comunidades: perspectivas de diálogo entre saberes e sujeitos**. 141f. Relatório de Pós-doutorado. Departamento de Endemias “Samuel Pessoa”, Fundação Oswaldo Cruz. Rio de Janeiro, 2003.
- OLIVEIRA, M. W; SILVA, P. B. G.; GONÇALVES JUNIOR, L.; MONTRONE, A. V. G.; JOLY, I. Z. L. Processos Educativos em Práticas Sociais - reflexões teóricas e metodológicas sobre pesquisa educacional em espaços sociais. In: M.W.de Oliveira, M.W.de & F.R.de Sousa, (Org.). **Processos Educativos em Práticas Sociais** - pesquisas em educação (p.270). São Carlos: EduFSCar,2014.
- PEREIRA, F., MARCATTO, M. I. S. J. MAGLIARI, M. D. A., GRAU, M. A. F., SALES, Z. U., VRANJAC, R. M.; MARADEI, R; PILON, S. R. P. **Manual de orientação para instalação e funcionamento de institutos de beleza sem responsabilidade médica**. São Paulo: Secretaria do Estado de São Paulo, Centro de Vigilância Sanitária, 2012.
- PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA (Brasil). Lei nº 13.352, de 27 de outubro de 2016. Altera a Lei no 12.592, de 18 de janeiro 2012, para dispor sobre o contrato de parceria entre os profissionais que exercem as atividades de Cabeleireiro, Barbeiro, Esteticista, Manicure, Pedicure, Depilador e Maquiador e pessoas jurídicas registradas como salão de beleza [Internet]. D.O.U., Brasília, DF, 28 dez, 2016.
- RAMOS. J. M. P. **Biossegurança em estabelecimentos de Beleza e afins**. São Paulo. Ed.Atheneu, 2009.
- RIBEIRO JUNIOR, D. **Criação audiovisual na convivência dialógica em um grupo de dança de rua como processo de educação humanizadora**. 142f. Dissertação de Mestrado),

Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2009.

RIBEIRO JUNIOR, D; SOUZA, E. S.; SOUSA, F. R.; TEIXEIRA, I. M. C.; OLIVEIRA, M. W. Educar-se com grupos, organizações e movimentos sociais: processos educativos em práticas sociais populares. **Revista Pedagógica** (Unochapecó. Online), v. 15, p. 165-181, 2013.

SEBRAE. **Dicas Sebrae: Salão de beleza. Postura profissional e normas técnicas.** Elaborado por: Adriany Rosa de Matos Carvalho. Recife (PE), 2010.

SILVA, A. F.; SILVEIRA, C. A. Conhecimento sobre biossegurança entre manicures: necessidade de educação em saúde. **Saúde (Santa Maria)**, v.42, n.2 p.49-58, 2016.

SILVA, P.B.G. Educação e Identidade dos Negros Trabalhadores Rurais do Limoeiro. (Tese de Doutorado) - Programa de Pós-graduação em Educação, Porto Alegre, UFRGS, 1997.

SILVA, R. A. **Lazer e processos educativos no contexto de trabalhadores/as rurais do MST.** (Dissertação de Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2010.

SOARES, P.P. De M. A. Saberes, fazeres e memória coletiva: a trajetória social de barbeiros e barbeiras da região central de Porto Alegre (RS). **Illuminuras**, v. 13, n.30. p.260-279, jan./jun. 2012

SOARES, N.; SILVA, R.; TRIVELATO, S. L. F. O saber popular e o ensino de ciências: uma possibilidade de investigação científica na educação de jovens e adultos. *Revista Trama interdisciplinar*, v. 7, p. 157, 2016.

SOUSA, F. R. **Saberes da vida na noite: percepções de mulheres que prestam serviços sexuais sobre o educar-se nas relações com seus clientes.** (Dissertação de Mestrado)- Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de São Carlos, 2007.

SOUSA, F. R. de. **A noite também educa: compreensões e significados atribuídos por prostitutas à prática da prostituição.** 279f. (Tese de Doutorado) - Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2012.

STARLING, C. C. D.; PULIER, V. DE L. **Boas Práticas de funcionamento para institutos e salões de beleza, estética, cabeleireiro e similares.** Belo Horizonte, 2015.

TEIXEIRA, I.M. de C.(2012) **Saberes e práticas populares de saúde: os processos educativos de mulheres camponesas.** 148f. (Dissertação de Mestrado), Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2012.

TORRES, R. M. **Alfabetización y aprendizaje a lo largo de la vida.** *Revista Interamericana de Educación de Adultos*, n. 1, 2006.

VALENTE, J. A. Aprendizagem continuada ao longo da vida: o exemplo da terceira idade. In: V. Kachar. (Org.). **Longevidade: um novo desafio para a educação** (p. 27-44). São Paulo: Editora Cortez, 2001.

VASCONCELOS, V. O; De SIQUEIRA, C. T.; SANTOS, R.; SALAZAR, M.; STRAATMANN, J; NEVES, L.; CAMPOS, P. G. Educação popular e meio ambiente: diálogos com populações tradicionais amazônicas. **Ambiente & educação-revista de educação ambiental**, v15, n.1, p.47-66, 2010.

XAVIER, P. M. A.; FLÔR, C. C. C. Saberes populares e educação científica: um olhar a partir da literatura na área de ensino de Ciências. **Revista Ensaio**, v. 17, n. 2, p. 308-328, ago. 2015.

SOBRE AS AUTORAS

AUTORA 1. É licenciada em Ciências Biológicas pela Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC (2018) e mestranda em Educação em Ciências e Matemática dessa universidade. Possui interesse em pesquisas vinculadas à Educação CTS, Sequências Didáticas, Ensino de Microbiologia, Formação de Professores de Ciências/Biologia e Práticas Sociais. visita aos salões de beleza, agendamento e realização de entrevistas, transcrição, análise e redação do artigo.

AUTORA 1. É licenciada em Ciências Biológicas pela Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC (2018) e mestranda em Educação em Ciências e Matemática dessa universidade. Possui interesse por temáticas associadas à Educação em Ciências, Educação CTS, Sequências Didáticas, Formação de professores de Ciências/Biologia e Estratégias de ensino e aprendizagem em Ciências. Auxiliou na redação do texto do artigo.

AUTORA 3. É mestre e doutora em Educação pela Universidade Federal de São Carlos/SP – UFSCar. Professora adjunta da área de ensino de Biologia da Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC e docente do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática dessa universidade. Pesquisa na área de Formação de Professores de Ciências, Educação CTS e as interfaces entre o Ensino de Ciências e as relações étnico-raciais. Orientou o planejamento do estudo, bem como a coleta de dados a campo e sua análise e, auxiliou na redação do texto do artigo.

Submetido em 19/12/2019

Aprovado em 20/12/2020

Publicado em 30/12/2020